

TEILHARD: O HOMEM QUE PENSOU O UNIVERSO.¹

Frei Betto*

*Dominicano, autor de muitos escritos.

Resumo:

Percorrendo etapas da vida de Teilhard de Chardin, o artigo mostra a sua contribuição entrelinhas de seu pensamento à teologia do Concílio Vaticano II. A partir da geologia, passando por diversas ciências, realiza um diálogo com a Ciência e abandona a desconfiança ao pensamento científico e a autonomia da razão. A proibição de publicar seus escritos e de divulgar o resultado de suas pesquisas ajuda-o a *reconstrução do espírito*. Censurado, calado, exilado, marginalizado nunca abandonou suas pesquisas. A leitura de suas obras e escritos revelam a profecia do anúncio corajoso da verdade, denunciando as lutas dos bastidores eclesiásticos e convocando para uma atitude da busca da verdade diante da má consciência do poder.

Palavras-chaves: Teilhard de Chardin: Vida; Obras; Vaticano II: Contribuição; Diálogo: Ciência, Resistência, Originalidade.

Abstract:

Going through Teilhard de Chardin's life stages this article shows the contributing of his thinking between lines to Vatican II theology. From geology and some other sciences, Chardin conducts a dialogue with science and abandon the distrust to scientific thought and the autonomy of reason. The ban on publishing his writings and to disseminate the results of his research helped him in the *rebuilding the spirit*. He was censored, muted, exiled,

¹ Este artigo foi escrito para Mutirão das revistas latino-americanas de teologia, animado pela Comissão Teológica Latino-americana da ASETT/EATWOT.

marginalized and even so he never abandoned his scientific research. The reading of his works and writings reveals the prophecy of the truth courageous proclamation and the denouncing the struggles behind of ecclesiastical scenes and calling for the truth before the bad conscience of power.

Keywords:

Teilhard de Chardin: Life and Writings; Vatican II: Contribution; Dialogue: Science, Resistance and Originality.

No domingo de Páscoa, 10 de abril de 1955, na comunidade dos jesuítas em nova York, o padre Pierre Teilhard de Chardin, de 73 anos, levantou-se da cadeira para servir-se de chá. Não conseguiu chegar à mesa. Um ataque cardíaco fulminante pôs fim à sua vida. Em seu enterro havia duas ou três pessoas.

Para muitos, sua morte representava um alívio, pois cessara o movimento daquele cérebro poderoso. Como todos que ousam pensar pela própria cabeça, recusando-se a acreditar que a verdade é necessariamente filha da autoridade, Teilhard teve um final solitário.

Poucos sabiam que aquela cabeça que parara de pensar fora capaz de conceber uma das mais abrangentes visões do universo, na qual todos os elementos se integram das micropartículas subatômicas à atração de toda a matéria pelo Ponto Ômega – que coroaria todos os processos de evolução da natureza.

Essa grandiosa síntese, registrada em livros e artigos – que, durante sua vida, seus superiores eclesiásticos nunca permitiram que fossem publicados, com receio de um novo caso Galileu-, integra as mais profundas intuições espirituais aos mais avançados conceitos científicos, reduzindo a barreira que separa razão e fé. Sua contribuição vai da geologia à teologia, passando pela física, química, biologia, paleontologia e antropologia. Publicada após a sua morte, a obra de Teilhard avançou, na primeira metade da década de 1960, uma repercussão inesperada, figurando meses nas listas de *best sellers* das principais cidades da Europa e dos EUA.

A renovação católica no Concílio Vaticano II (1962-1965) teve suas entrelinhas marcadas pelo pensamento teilhardiano, que ajudou a Igreja a abrir-se ao diálogo com a ciência e a inserir-se no mundo moderno, abandonando sua

secular desconfiança em relação às evidências empíricas da pesquisa científica e à autonomia da razão.

Nascido em 1º de maio de 1881, em Auvergne – próximo a Clermont – Ferrand, no centro da França -, Pierre Teilhard de Chardin foi o quarto dos onze filhos de uma família da antiga nobreza. Sua mãe era neta de Voltaire (1694-1778), que introduziu na França as teorias de Isaac Newton e combateu toda espécie de superstição e intolerância.

Desde pequeno Teilhard demonstrava vivo interesse pela região vulcânica em que morava. Aos 11 anos, ingressou no colégio jesuíta de Mongré, onde seu maior interesse era uma matéria que não constava do currículo – a geologia. Fascinado pelas epístolas de São Paulo, e motivado pelo *desejo de ser perfeito*, ou seja, de consagrar-se pela vocação religiosa, teve a sorte de encontrar um padre-mestre que o convenceu de que o melhor serviço de Deus pode ser o amor às pedras...

Mais tarde, em 1934, ele escreveria:

A originalidade da minha crença, da minha convicção, consiste no fato de que ela tem suas raízes em dois domínios de vida, que habitualmente, são considerados antagônicos. Por formação e educação intelectual, eu pertencço aos filhos do céu. Mas, por temperamento e por estudos profissionais, sou um filho da terra. Colocado, assim entre dois mundos, não estabeleci nenhuma separação interior entre eles. Deixei que estes dois mundos agissem em plena liberdade um sobre o outro, no mais profundo de mim mesmo.²

O anticlericalismo reinante na França no início do século XX fez com que o jovem Teilhard fosse transferido para a Ilha de Jersey, onde durante três anos, estudou filosofia e teologia. Em seguida, enviaram-no ao colégio do Cairo, como professor de física e química. Deixou-se então invadir pela mística oriental, que contribuiu para aprofundar seus métodos de oração e a experiência de intimidade com Deus, como alguém a quem o crente *se entrega* e *se integra*. Essa experiência o marcaria para sempre, criando as bases de sua visão unitária do Universo.

De 1908 a 1912, estudou teologia em Hastings, na Inglaterra. Em 24 de agosto de 1911, recebeu a ordenação sacerdotal. No ano seguinte, cursou paleontologia no Museu de Paris, onde, pela primeira vez, **entrou em contato com as ideias socialistas**, através de seus colegas de trabalho.

² J-P DEMOULIN, *Je m'explique*. Paris: Seuil, 2005, pp. 213-215.

Na prática, a teoria é outra.

Em 1913. Teilhard de Chardin participa de sua primeira expedição, para investigar pinturas primitivas em cavernas da Espanha. Foi neste momento que, aos 32 anos, imerso na busca do interior da matéria, ele descobre o amor a uma mulher.

Estando desde a infância – escreve em *O Coração da Matéria* – à procura do coração da matéria, era inevitável que, um dia, eu me encontrasse face a face com o Feminino. [...] Parece-me indiscutível que o homem – mesmo a serviço de uma causa ou de Deus – não é possível nenhum acesso à maturidade e à plenitude espirituais, fora de qualquer influência sentimental que venha nele sensibilizar a inteligência e suscitar inicialmente, as potências de amar.³

³ J. T. de CHARDIN,
O coração da matéria.

Nunca se soube com certeza quem foi a mulher que despertou o coração do padre Teilhard. Aliás, esse tipo de curiosidade é próprio de quem, afetivamente mal resolvido, projeta-se na vida alheia, como os ávidos leitores de revistas que tratam dos bastidores da vida de atores e atrizes. Ou daqueles que, como dizia Jesus, estão sempre prontos a denunciar o cisco no olho alheio, mas não são capazes de enxergar a trave no próprio.

Durante a guerra de 1914-1918, serve como enfermeiro, e medita sobre o sentido da catástrofe dentro de uma visão maior da história. Em 1918, ao afirmar seu compromisso definitivo com a vida religiosa, ao fazer os votos solenes, declara que quer destinar seu sacerdócio *a divinizar as potências da Terra*. No ano seguinte, entra em contato com Maurice Blodel (1891-1949), que vislumbrava o sobrenatural emergindo na imanência e na ação, e escreve: *O poder espiritual da matéria*.

Doutora-se em ciência em 1922, na Sorbonne, onde apresenta tese sobre *Os mamíferos do Eoceno Inferior francês e suas situações*. Passa a ensinar geologia no Instituto Católico de Paris, até que, em 1923, faz sua primeira viagem à China onde permanece seis meses pesquisando no deserto de Ordos, em Tien-Tsin, quando participa da descoberta de um depósito de instrumentos paleolíticos, primeira prova da existência do homem pré-histórico ao sul daquela região chinesa. Escreve então uma de suas mais belas obras, *A missa sobre o mundo*.

A China representa seu ingresso não apenas numa outra cultura despojada do racionalismo ocidental, mas também em uma outra sensibilidade de apreensão dos fenômenos naturais e históricos. Teilhard como que se liberta da lógica cartesiana e de uma espiritualidade onde as verdades a serem cridas tendem a predominar sobre a experiência amorosa a ser vivida. Rompe-se, a seus olhos, o limite que, no pensamento ocidental, separa o sagrado e o profano. Toda a realidade se lhe apresenta agora diáfana, teofânica, como se imanência e transcendência surgissem a seus olhos em cristalina transparência.

De volta a Paris em 1924, seus trabalhos científicos adquirem fama, a ponto de lotar os auditórios em que fazia conferências. Seus superiores, preocupados com suas ideias, consideradas pouco ortodoxas aos olhos de Roma, o forçam a abandonar a cadeira do Instituto Católico de Paris e a retornar à China numa espécie de exílio involuntário.

De novo em Tien-Tsin, escreve *O meio divino* e se integra aos círculos de cientistas internacionais, em 1929, participa da descoberta de Sinantropo, em Chou-Kou-Tien, e passa a preocupar-se com a origem da espécie humana. Em meados de 1931, inicia uma viagem científica, de um ano, ao Turquestão chinês. Até 1939, participa de expedições na Índia, em Java e na Birmânia. *A ciência me parece uma finalidade cada vez menos suficiente à minha existência*, admite. *O verdadeiro interesse de minha vida, há muito tempo, é um certo esforço para descobrir Deus no mundo*. Começa então a redigir sua obra mais famosa, *O fenômeno humano*.

É proibido falar.

Em 1940, o Japão invade a China; e a Alemanha, França, deflagrando a Segunda Grande Guerra. O Vaticano obriga Teilhard a permanecer em Pequim até 1946, proibido de publicar seus escritos e divulgar o resultado de suas pesquisas. Retorna a Paris em abril de 1949, disposto a *trabalhar na reconstrução do espírito*. Debate marxismo e existencialismo com Berdiaeff (1874-1948), filósofo russo radicado na capital francesa e tido como um dos inspiradores do existencialismo cristão e do personalismo comunitário. Discute o valor espiritual do organismo humano com Gabriel Marcel (1889-1973), filósofo e dramaturgo francês que considerava o homem um peregrino do ab-

soluto. E dialoga sobre o sentido da matéria com Lavelle (1883-1951), filósofo francês que trabalha numa filosofia dos valores.

O Colégio da França lhe oferece uma cadeira e ele se dirige para pedir a seus superiores permissão de aceitá-la, bem como de publicar *O fenômeno humano*. Nada consegue, senão o reconhecimento da comunidade científica que, em 1951, o nomeia membro da academia de Ciências da França.

No ano anterior, ele havia escrito *O coração da matéria*, sua autobiografia intelectual e espiritual. Segue para a África do Sul à procura dos australopitecos. Em seguida, vai a Nova York, quando seus superiores o ordenam a retornar à China, onde as expedições científicas e as dificuldades de comunicação não lhe permitiam divulgar suas ideias.

Na mesma época, realizam-se congressos sobre a evolução da natureza, como o simpósio Católico de Quebec, no Canadá, para o qual ele não é convidado, embora participem cientistas ateus. Retorna à França em 1954. E se entusiasma pela experiência dos padres-operários. Mas poucos meses depois o enviam de novo aos EUA, de onde jamais retornaria com vida.

Membro da Companhia de Jesus, uma ordem religiosa que tem como característica a fidelidade indiscutível ao papa, Teilhard de Chardin soube, entretanto, não confundir compromissos institucionais com obscurantismo intelectual. Buscou lá onde ela estivesse nas pedras das montanhas ou nos esqueletos dos ancestrais da raça humana. Confiante de que a evidência da verdade é filha do tempo. Por isso, mesmo censurado e calado, exilado e marginalizado, não abandonou suas pesquisas e escreveu convencido de que a posteridade lhe daria razão, tendo tido o cuidado de confiar os originais a parentes e amigos com liberdade de divulgar sua obra. Obedeceu sem conceder, lutando sempre pelo direito de publicar seus escritos.

À época, tais litígios eram tratados nos bastidores eclesiásticos, sem que a imprensa tivesse acesso ou mesmo interesse em difundi-los. A leitura das cartas de Teilhard demonstra que, solitário em sua luta, ele não se deixou abater, pois soube transformar as limitações em purificadora ascese, como que se deixa transportar para outro nível de valoração dos fatos e reconhecer que a profecia é como um espelho no qual sempre se reflete a má consciência do poder.